

CINEMA BRASILIENSE

GÊNERO E REPRESENTAÇÃO

Violência como linguagem: 720 cenas violentas em 20 filmes brasileiros

Foram encontradas **720 cenas de violência**, uma média de **36 cenas de violência**, nos 20 filmes brasileiros da pesquisa **Cinema Brasileiro: gênero e representação**, na qual foram analisados **20 filmes de longa-metragem de ficção** produzidos ou coproduzidos por empresas do Distrito Federal, lançados comercialmente em salas de cinema no Brasil, de **1995 a 2018**.

Dentro da pesquisa, foi investigado o uso da **Violência como recurso narrativo pela perspectiva de gênero e raça**. Para isso, foi criado um instrumento de análise da representação da violência como linguagem. O instrumento foi construído utilizando o teste de representação Barnett.

A **violência como linguagem** foi um termo criado a partir deste estudo para descrever a violência utilizada como forma de linguagem, sendo composta por três dimensões: 1) o desengajamento moral; 2) a violência como forma de resolução de conflitos; e 3) as performatividades da heteronormatividade e da masculinidade.

O **desengajamento moral** está relacionado com a aprovação ou reprovação das cenas de violência em filmes por aqueles que provocam, recebem ou presenciam essas ações, com a utilização de recursos narrativos que tiram a responsabilidade do agressor e/ou culpam a vítima.

A **performatividades da heteronormatividade e da masculinidade** é a naturalização das relações de poder e dos papéis de gênero, a partir de formas heteronormativas e masculinas para se encaixar no que é esperado de seu gênero.

A **violência como forma de resolução de conflitos** é quando a violência é usada como estratégia de ação para resolver conflitos pessoais. Esta dimensão foi construída com três itens: se a violência foi usada como resolução do conflito, se o conflito foi resolvido e se ela marca o arco dramático de algum personagem. A questão do arco dramático não apareceu nos resultados como relacionado à violência nos filmes.

O **Teste Barnett**, inspirado no **Bechdel**, tem como intuito analisar a relação entre o estereótipo do gênero masculino e a prática da violência, com a análise de duas perguntas: 1) O filme possui pelo menos duas mulheres e dois homens, conversando entre si, e o assunto do diálogo entre as pessoas de mesmo gênero vai além de falar sobre o sexo oposto? 2) Se há alguma violência, ela é retratada com humor ou falta de seriedade; ou como normal ou aceitável; ou ainda como se alguém merecesse a violência?

Resultados

Foram encontradas **720 cenas de violência**, uma média de **36 cenas de violência** por filme. Todavia, em relação à duração das cenas, a maior parte dos filmes apresenta uma minutagem de violência baixa. Algumas poucas obras apresentam tempos longos de violência.

As **cenas de violência** foram caracterizadas apenas em relação à violência física, o que inclui também atos de violência praticados em contextos de “camaradagem/brincadeira”. Cada cena foi identificada em relação a quem inicia a violência e quem a recebe, quanto ao **gênero, orientação sexual e raça**. Porém, não houve resultados suficientes para analisar a orientação sexual.

Nos filmes em que **mulheres** interagem mais entre si, é perceptível o desenvolvimento de uma dinâmica que não se apoia na violência e o roteiro prioriza outras formas de contar histórias. Nas narrativas em que os **homens** se relacionam mais uns com os outros, porém, a violência costuma ser uma escolha mais frequente como forma de desenvolvimento do enredo.

Os filmes analisados desenvolvem as cenas de violência focando mais em quem é o personagem violento do que em quem é o alvo da violência. Por isso, foi possível ter mais informações sobre quem começa a violência do que sobre quem sofre.

A partir da análise, percebeu-se que quando homens cis iniciam a violência, ela é validada pelos personagens, além desses homens serem representados em padrões heteronormativos. Os personagens cuja violência foge da representação heteronormativa são mostrados como pessoas que comumente usam a violência para resolver seus problemas (mulheres trans) e mais propensos a serem responsabilizados por seus atos violentos (personagens não binários).

As violências praticadas pelas mulheres (supostamente cis) costumam ser consideradas mais aceitáveis/normais do que as praticadas pelas mulheres trans. Quando as mulheres trans iniciam a violência, elas são altamente reprovadas.

Os indígenas são representados como o grupo mais violento, mas ao mesmo tempo sua violência é tratada pelas obras como algo justificável. Os pardos são os que cometem violências mais leves, normalmente não as utilizam como forma de resolver conflitos e que são mais vinculadas à heteronormatividade. Os personagens pretos são os mais responsabilizados quando cometem atos de violência.

Em relação à vítima, as mulheres cis são as que mais sofrem com a violência heteronormativa. O grupo dos personagens indígenas é retratado associado a violências severas, tanto como agressor quanto como agredido.

Os filmes analisados

Entre 1995 e 2018, foram realizados 20 longas de ficção, excluindo o estilo experimental, por produtoras ou coprodutoras do DF. Esse é o recorte da pesquisa. Vale ressaltar que nos **23 anos analisados**, entre os **20 filmes brasileiros** lançados em salas de cinema, apenas um foi dirigido por uma mulher: **Um assalto de fé**, de **Cibele Amaral**.

Os filmes em análise são:

Ano de Lançamento	Título	Direção
1995	Louco por Cinema	André Luiz Oliveira
1999	No Coração dos Deuses	Geraldo Moraes
2005	As Vidas de Maria	Renato Barbieri
2005	Filhas do Vento	Joel Zito Araújo
2006	A Conspiração do Silêncio	Ronaldo Duque
2009	Se Nada Mais Der Certo	José Eduardo Belmonte
2010	Federal	Erik de Castro
2011	Simples Mortais	Mauro Giuntini
2011	Um Assalto de Fé	Cibele Amaral
2013	A Última Estação	Márcio Curi
2013	Cru	Jimi Figueiredo
2013	Nove Crônicas para um Coração Aos Berros	Gustavo Galvão
2014	Uma Dose Violenta de Qualquer Coisa	Gustavo Galvão
2015	Até que a Casa Caia	Mauro Giuntini
2015	Branco Sai Preto Fica	Adirley Queirós
2015	O Último Cine Drive-In	Iberê Carvalho
2016	O Outro Lado do Paraíso	André Ristum
2016	Uma Loucura de Mulher	Marcus Ligocki Júnior
2018	A Repartição Do Tempo	Santiago Dellape
2018	O Colar De Coralina	Reginaldo Gontijo

Pesquisadores

• Natália Brandino – Criação, Coordenação e Pesquisa



[Natália Brandino](#) é sócia e produtora executiva da empresa Kocria Audiovisual, produtora executiva da GAYA Filmes e faz parte do Coletivo Arte Aberta.

A origem dessa pesquisa é o desdobramento da monografia desenvolvida por ela como parte da pós-graduação em Cinema e Linguagem Audiovisual da Estácio Sá: “A mulher nos filmes nacionais”. Neste estudo, foi analisada a representatividade da mulher nos maiores sucessos de bilheteria de filmes brasileiros no período de 1995 e 2010. Esse estudo foi selecionado para

compor a Revista Filme Cultura nº 63 – Mulheres, câmera e telas.

No Arte Aberta, Natália iniciou as análises de representatividade e representação sobre os indicados ao Oscar, criando o selo #ElasNoOscar. Desde 2018, o Arte Aberta faz análise dos filmes indicados à categoria de Melhor Filme no Oscar. Com o desenvolvimento dos estudos sobre representação e representatividade da pesquisadora Natália, foi criado o Teste Arte Aberta.

Natália Brandino é bacharel em Administração de Empresas (2011), pós-graduada em Marketing e Cadeia de Valor (2013) ambos pelo UniCEUB, em Cinema e Linguagem Audiovisual (2017) pela Estácio Sá e MBA em Controladoria e Finanças (2018) pela UDF. Desde 2012, se dedica à produção audiovisual e estudos interdisciplinares da área.

• Amalia Raquel Perez – Orientação

Professora visitante da Universidad de Zaragoza. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela UNB-DF, mestre e graduada em psicologia. Foi diretora da Sociedade Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho, é membro do GT da Associação Nacional de Pesquisa da Pós-graduação (ANPEPP), da International Association of Applied Psychology.

• Bárbara Alpino – Pesquisa e Revisão

Formada em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Universidade de Brasília UnB (2011). Servidora do Ministério da Cultura (atualmente Secretaria Especial da Cultura) desde 2013. Integrante da Comissão Editorial da Revista Filme Cultura desde 2016 (edições 62-64). Também integra o Coletivo Arte Aberta que tem como objetivo promover a visibilidade e questionamento de gênero no audiovisual, em que atua tanto como redatora quanto como ilustradora.

• Lina Távora – Pesquisa e Assessoria de Comunicação

Jornalista, formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2004), Mestra em Comunicação/Cinema pela Universidade de Brasília (UnB) (2010). Servidora do Ministério da Cultura (atualmente Secretaria Especial da Cultura) desde 2010. Editora da revista Filme Cultura nas edições 62 a 64. Fundadora e integrante do Arte Aberta (<https://arteaberta.com/>) e dos Irmãos Estoicos (<http://www.irmaosestoicos.com/>).

• Luciana Ribeiro Rodrigues – Pesquisa

Membro do coletivo Arte Aberta. Graduada em Letras Português pelo UniCEUB (2012) e em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Universidade de Brasília - UnB (2010). Servidora do Ministério da Cultura (atualmente Secretaria Especial da Cultura) desde 2013. Atuou nas áreas de formulação de editais, de admissibilidade de projetos e de prestação de contas.

• Rafael da Silva Maximiniano – Pesquisa, Revisão e Acessibilidade

Graduado em História pela Universidade de Brasília, e especialista em Acessibilidade Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Coletivo Arte Aberta.

• Risla Lopes Miranda – Pesquisa e Acessibilidade

Membro do Coletivo Arte Aberta. Graduada em Pedagogia (UnB), especialista em História (UniCEUB) e em Acessibilidade Cultural (UFRJ) e mestra em Direitos Humanos (UnB). Já atuou em políticas de cultura, gênero, educação e formação audiovisual no âmbito do Governo Federal.

Parceiros

• Arte Aberta

O Coletivo cria conteúdos sobre gênero no audiovisual. Surgiu em 2016 no DF, composto por Lina Távora, Luciana Rodrigues, Risla Miranda, Rafael Maximiniano, Bárbara Alpino e Natália Brandino. Para conhecer mais acesse: <https://arteaberta.com>.

• Kocria Audiovisual

É uma produtora do DF, que desde 2012 trabalha em produções da cidade, e em 2018 se estruturou para desenvolver projetos audiovisuais próprios. Seus sócios são: Walder Jr e Natália Brandino. Para conhecer mais acesse: <https://kocria.com.br>.

Serviço

Pesquisa Cinema Brasileiro: gênero e representação

Portal: www.representacaonoaudiovisual.com

E-mail: representacaonoaudiovisual@gmail.com

Contato Assessoria de Comunicação: Lina Távora (61) 981332262